

O 25 DE ABRIL E EU

————— **Manuel Augusto Correia da Silva**

Estando colocado na Escola Prática de Cavalaria, em Santarém, como furriel miliciano, pude ir constatando que a partir do dia 16 de Março de 1974 se verificavam movimentações e um clima de oposição política constante ao regime vigente. No suprarreferido dia, recebemos ordens do comandante da EPC, afecto ao regime, para interceptar a coluna do RI5, das Caldas da Rainha, que tinha saído em direcção a Lisboa, contando com o apoio de outras unidades (o que não se veio a verificar) sendo que tais ordens que tínhamos não foram cumpridas.

Para isso, fizemos um boicote à acção planeada, através de furos de pneus, de avarias, atascamentos e paragens súbitas do motor, iniciativas provocadas intencionalmente tendo por objectivo atrasar a progressão da coluna em que participei ao comando da Chaimite Bula. Um trajecto que normalmente se faz em pouco mais de uma hora, foi percorrido, nesse dia, em cerca de oito horas.

Faziam parte desta coluna dois oficiais do Movimento de Capitães e um Major, afecto ao regime, que tudo fez para que a coluna chegasse a tempo de interceptar a coluna do RI5 em Rio Maior. Contrariando as intenções deste Major, os Tenentes Capão e Palma juntamente com os Furriéis Milicianos da coluna, conseguiram atrasar a progressão da nossa coluna para dar tempo aos militares do RI5 chegarem ao seu quartel.

Intervenção e dias antecedentes ao 25 de Abril de 1974

Depois do 16 de Março (Intentona das Caldas), começou a haver, em Santarém, uma certa percepção de que aquilo era o começo do que viria a culminar no 25 de Abril de 1974. O 16 de Março foi importante para politizar e consciencializar mais as pessoas e para demonstrar que o poder estava a ser posto em causa pois, entretanto, tinha sido publicado o livro “Portugal e o Futuro”, do General António de Spínola, que punha em causa as políticas ultramarinas da altura.

Dias antes da Revolução dos Cravos, fui contactado por dois oficiais do Movimento dos Capitães com o objectivo de preparar as viaturas para uma operação que tinha por principal desiderato um exercício militar. Esta infor-

mação teve como fundamento o não se pretender levantar suspeitas sobre o real objectivo pretendido.

Ao meio dia do dia 24 de Abril, fui informado da operação em concreto, das senhas da rádio e das respectivas horas. Como previsto, a coluna saiu de Santarém em direcção a Lisboa às três horas da madrugada, tendo eu comandado a Chaimite Bula até ao Terreiro do Paço. Nesta missão, tínhamos como objectivos ocupar os Ministérios da Defesa e da Marinha e fazer protecção ao Banco de Portugal e ao Rádio Clube Português.

Nessa altura fomos confrontados com forças do RC7, afectas ao regime, que se passaram rapidamente para o nosso lado. Seguidamente deparámo-nos com a chegada de carros de combate M47, possuidores de um grande poder de fogo, comandados pelo Alferes Fernando Sottomayor, que recusou disparar às ordens do Brigadeiro Junqueira dos Reis, sendo de imediato detido. Em seguida o referido Brigadeiro subiu a um M47 com o objectivo de obrigar o cabo apontador José Costa a disparar a peça do carro, ordem que o referido cabo não cumpriu evitando, dessa forma, aquilo que poderia ser um banho de sangue. Por essa altura, tinha aparecido a fragata Gago Coutinho em frente ao Terreiro do Paço, com ordens do Presidente do Conselho, Marcello Caetano, para arrasar as tropas da EPC, estacionadas no Terreiro do Paço, na Av. Ribeira das Naus e na Rua do Arsenal.

Depois da rendição das tropas afectas ao regime, dirigimo-nos para o Largo do Carmo, ao Quartel General da GNR, onde se encontrava refugiado o Presidente do Conselho de Ministros, professor Marcello Caetano e os ministros Rui Patrício e Moreira Batista. Durante as negociações que decorriam no interior do Quartel do Carmo, que se traduziram num longo e exasperante impasse, foi-me ordenado pelo Tenente Santos Silva, que comandava o Esquadrão de Blindados da EPC, que disparasse uma rajada de metralhadora contra a frontaria de referido Quartel. Note-se que muitos atiradores estavam posicionados nos prédios circunvizinhos ao Quartel, tendo também disparado.

Após a rendição dos governantes, recebi ordens do Capitão Salgueiro Maia no sentido de entrar com a Chaimite Bula no referido Quartel, com a missão de recolher e transportar as referidas individualidades em segurança para o Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas sediado no RE1, na Pontinha, pois o povo de Lisboa, que entretanto inundou o Largo do Carmo, queria fazer justiça pelas próprias mãos.

Foram momentos dramáticos que se viveram no Largo do Carmo, pois até a nossa saída foi dificultada por milhares de pessoas que nos impediam a retirada.

Como nota final, quero dizer que o dia 25 de Abril de 1974 foi o dia mais feliz da minha vida, o dia inicial inteiro e limpo (conforme disse Sofia de Mello Breyner Andresen), que nos deu finalmente a LIBERDADE, a DEMOCRACIA, a IGUALDADE e a FRATERNIDADE.

Com o 25 de Abril tivemos o fim da guerra colonial, onde morreram cerca de dez mil militares e dezenas de milhar ficaram estropiados e com stress de guerra. Uma geração perdida por interesses colonialistas de meia dúzia de famílias que controlavam todas as colónias. Conseguiu-se eleições livres para uma Assembleia Constituinte em 1975 e posteriormente para uma Assembleia Legislativa em 1976, conforme o programa do MFA, onde o poder seria entregue ao partido (ou coligação de Partidos) mais votado e assim governar o país.

O Serviço Nacional de Saúde é também uma das grandes conquistas do 25 de Abril de 1974, que neste momento está a ser destruído pelos grandes grupos económicos privados e pelos *lobbies* da saúde, a que pertencem.

Infelizmente, muito ficou por fazer, devido a interesses pessoais de muitos políticos conotados com grandes grupos financeiros e principalmente com a banca, onde a corrupção foi, é e será sempre, o grande obstáculo ao desenvolvimento do país.